

A universidade pública pós-pandémica

SOCIEDADE BREVE
Boaventura de Sousa Santos



Universidade Pública "Aprende-com e se ensina-com. Nada é unilateral, tudo é recíproco"

Para compreendermos o que pode vir a passar-se com a universidade é necessário lembrar os ataques principais de que era alvo a moderna universidade pública (UP) antes da pandemia. Foram dois os ataques globais. Provinham de duas forças que se podem sintetizar em dois conceitos: capitalismo universitário e ultra-direita ideológica. O primeiro ataque intensificou-se nos últimos 40 anos com a consolidação do neoliberalismo como lógica dominante do capitalismo global. A universidade passou a ser concebida como área de investimento potencialmente lucrativo. Iniciou-se então um processo multifacetado que incluiu, entre outras, as seguintes medidas:

- permitir e promover a criação de universidades privadas e permitir-lhes acesso a fundos públicos;
- invocar a crise financeira do Estado para sub-financiar as UPs;
- degradar os salários dos pro-

gestão das UPs, o que foi feito em diferentes fases: as UPs devem ser mais relevantes para a sociedade, sobretudo formando pessoal qualificado para o mercado; o estatuto de professor e de investigador deve ser flexibilizado (quer dizer: precarizado), acompanhando a lógica global do mercado de trabalho; os estudantes devem ser vistos como consumidores de um serviço e os professores devem ser sujeitos a critérios globais de produtividade; as UPs devem ser geridas como uma empresa como qualquer outra; as UPs devem integrar sistemas de *ranking* global para permitir aferir "objetivamente" o valor mercantil dos serviços universitários.

Na Europa, e apesar de toda a retórica em contrário, o principal objetivo do processo de Bolonha foi consolidar a nível europeu o modelo de universidade neoliberal. No caso português, este processo envolveu o fim da eleição democrática dos reitores, talvez a única medida fatalmente errada do saudoso ministro Mariano Gago.

AS RAZÕES MAIS PROFUNDAS DO ATAQUE do neoliberalismo às UPs residem em que estas tinham sido

Logo que passe a fase aguda da pandemia vai haver um conflito ideológico e político sobre a natureza da crise e os caminhos de futuro

A pandemia é a oportunidade para pensar numa alternativa ao modelo de sociedade e de civilização em que temos vivido

económicas, em termos de livre circulação de capitais e de bens e serviços (não, de trabalhadores).

Em consequência de tudo isto, as UPs estavam antes da pandemia muito desfiguradas, sem qualquer visão de

mamente conservadora, quando não reacionária, por vezes formulada em termos religiosos. Esta direita, apoiada socialmente por grupos radicais, de extrema-direita, de tipo neonazi ou de proselitismo religioso. Esta ultra-direita chegou ao governo em diferentes países, da Hungria à Turquia, do Brasil à Índia, da Polónia aos EUA. Mas alguns países, como, por exemplo, nos EUA, vinha há muito influenciando a política universitária, ao nível dos estados da federação e a partir das estruturas de governação das UPs.

Este ataque, apesar de altamente ideológico, apresentou-se como anti-ideológico e foi formulado de duas formas principais. A primeira, foi a de que todo o pensamento crítico, livre e independente visa subverter as instituições e desestabilizar a ordem social. A UP é o ninho onde se alimentam os esquerdistas e se propaga o "marxismo cultural", uma expressão usada pelo nazismo para demonizar os intelectuais de esquerda, muitos dos quais eram judeus. A segunda tem sido particularmente dominante na Índia e concebe como ideologia tudo que não coincide com entendimento político conservador do Hinduísmo. Tanto o iluminismo eurocêntrico como o Islão são considerados perigosamente subversivos. Noutros contextos, é o Islão político que faz o papel de guarda-ideológico contra as ideologias.

OS DOIS ATAQUES, APESAR DE DIFERENTES na formulação e na base de sustentação, são convergentes no mesmo objetivo: impedir que a UP continue a produzir conhecimento crítico, livre, plural e independente. Muitas das críticas anti-ideológicas usaram a crise financeira das UPs para reduzir o ensino às matérias básicas, supostamente isentas de ideologia e mais úteis para o mercado de trabalho. Muitas das matérias ditas ideológicas eram dadas em cursos optativos, em departamentos de literatura e de filosofia ou em departamentos recém-criados. O ataque consistiu em eliminar as opções e fechar esses departamentos por supostas razões financeiras.

Durante a pandemia, estes ataques atenuaram-se e as UPs centraram as suas prioridades em adaptar-se às mudanças causadas pela pandemia. Muitas viram a sua visibilidade pública aumentar graças ao protagonismo dos cientistas com investigação em áreas relevantes para a COVID-19. O período que se vai seguir não será um tempo livre de pandemia e com a UP regressar rapidamente ao seu normal. Vai ser um período de pandemia intermitente. Para projetar o que está em causa no próximo período há que responder a várias perguntas.

Como se comportou a universidade durante a pandemia? É muito